

Corpo e tempo

Bernadete Brasiense¹

As fotos aqui apresentadas são o resultado de sessões fotográficas realizadas com mulheres de 65 a 80 anos que participam do Centro de Convivência do Idoso (CCI) da Universidade Católica de Brasília (UCB), onde voltam à vida ativa a partir de atividades ali desenvolvidas.

Nós, do Núcleo Captura de fotografia, fomos convidados a fotografá-las de forma inusitada: elas queriam mostrar o corpo sem retoques e com a sensualidade peculiar aos seus corpos hoje. Sem cerimônia, ficaram nuas de todos os tabus, preconceitos e controle social contra a idade e o envelhecimento. Aceitamos o convite e entramos numa aventura para conduzir corpos e discursos estéticos a partir da imagem fotográfica.

Essas mulheres, animadas e aliviadas com a liberação do corpo para as fotos, nos fizeram testemunhas de diálogos enriquecedores sobre o envelhecer, o viver, o caminhar e o aprender constante desse grupo que construiu novas rotinas e aprendizados a partir dos cursos e encontros na universidade.

A instituição propiciou o retorno e nós, como coordenadores, professores, alunos e monitores, fomos responsáveis por conduzir essas mulheres, por ouvi-las, dar-lhes corpo, transformá-las em sujeitos de suas vidas e, principalmente, sujeitos de seu corpo, como território a ser ocupado, explorado e resgatado, para liberar sonhos, fantasias e imaginação.

¹Professora de Comunicação Social da Universidade Católica de Brasília. Coordenadora do Núcleo Captura de Fotografia. Doutoranda em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB).

Hoje, mais do que nunca, observa-se uma resistência contra a natureza, por isso o homem inventou um conjunto de técnicas para aperfeiçoar e moldar o corpo. Numa sociedade que almeja conquistar a juventude eterna e a imortalidade, ainda sem sucesso, o envelhecer não é bem-vindo. A velhice é censurada como se fosse vergonhoso não ter controle sobre ela. Aumentar o tempo de vida dificulta sumir com os amarrotados da pele e as degenerações orgânicas, conseqüentemente, o indivíduo tem que ajustar-se a novos valores, às funções do corpo e a uma imagem corporal com modificações em nada estéticas. Não conseguimos, apesar do avanço tecnológico, estancar a fase do envelhecimento e da morte.

Na velhice, muito mais do que inscrições sobre a pele, órgão dos sentidos e da comunicação, essas gravações estão na maneira de ser dessas mulheres, nas suas sensações e percepções de momentos passados. Elas desmistificam a velhice e tiram de letra qualquer impedimento com peso, altura, beleza, pele, cabelos. Esses momentos propiciaram falar da vida e do corpo e trouxeram um material importante para pensar a velhice do ponto de vista dessas mulheres e sempre de uma maneira prazerosa e divertida. Aprendemos muito sobre autoestima e bom humor com esse grupo de mulheres.



A velhice pra mim não existe
Aliete Liberal, 73 anos, mãe de 17 filhos



Juliana Soares, 65 anos



Maria de Fátima Ribeiro, 67 anos



**Me sinto muito melhor com
o corpo hoje do que antes**
Antônia Maria da Silva, 76 anos

Deu mais ânimo para viver
Maria Viana Castro, 66 anos



Diomarina Santos, 68 anos



Maria José da Silva, 70 anos

Créditos:



Núcleo Captura de Fotografia

Coordenação:

Bernadete Brasiliense

Fotógrafos:

Caroline Fonsêca, Simone Mariano, Ângelo Carvalho, Dayanne Teixeira, Jessica Menezes, Vinicius Aquino, Bárbara Alencar, Bárbara Cabral, Narayane Caroline, Stefany Sales.

.....